



A UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM CARTOGRÁFICA NA MEDIAÇÃO DO ENSINO DA AMÉRICA ANGLO-SAXÔNICA

Mábilla Rigolon Rezende ¹
Camila Basílio Pedreira ²
Patrícia Assis da Silva Ribeiro ³

RESUMO

A Cartografia é uma importante linguagem para o ensino de Geografia. O presente trabalho busca discutir como essa linguagem pode contribuir para a abordagem da temática da América Anglo-Saxônica junto aos alunos do 8º ano. Para tanto, foi elaborada uma sequência didática composta por questões que demandavam a decodificação de diferentes mapas que representavam a dinâmica socioespacial da América Anglo-Saxônica. Os dados coletados indicaram que o uso da linguagem cartográfica despertou nos alunos um maior interesse pelas aulas, participando ativamente das atividades propostas, além disso os alunos (re)conheceram a dinâmica socioespacial representada, por meio da interpretação dos mapas. Dessa forma, consideramos que a Cartografia deve ser inserida como linguagem mediadora no processo de ensino e aprendizagem da América Anglo-Saxônica.

Palavras chave: Ensino de Geografia, Cartografia, Representação.

INTRODUÇÃO

A linguagem cartográfica, por permitir a compreensão, a reflexão e a representação do espaço geográfico, possibilita, ao ensino da Geografia, uma série de embates críticos às relações humanas e aos aspectos que permeiam o mundo multi-globalizado em que vivemos. Assim, torna-se imprescindível pensar em Geografia, sobretudo sua aplicação no âmbito escolar, sem que haja e que sejam categoricamente empregadas as linguagens cartográficas, uma vez que, Geografia e Cartografia, se interconectam.

Nesse sentido, o presente artigo busca discutir a utilização da linguagem cartográfica no ensino da América Anglo-Saxônica no ensino fundamental II, como forma de, não apenas dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, despertando maior curiosidade e aproximação dos alunos com a Cartografia, mas proporcionar uma compreensão mais eficiente do conteúdo e suas implicações.

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, mabilla.rigolon@estudante.ufjf.br;

² Graduanda pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, camila.pedreira@estudante.ufjf.br;

³ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenadora do PIBID Subprojeto Geografia da UFJF, patricia.assis@ufjf.br



A proposta metodológica ocorreu por meio da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), uma iniciativa instituída pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa vincular estudantes da graduação em escolas da rede pública de educação, de modo a contribuir significativamente para a formação profissional e, sobretudo para a valorização da docência.

As aulas foram ministradas, sob a supervisão da professora supervisora, em uma turma de 8º ano do Colégio de Aplicação João XXIII, escola da rede pública federal localizada na cidade de Juiz de Fora, que atua como uma unidade acadêmica da UFJF, abrangendo o ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA).

METODOLOGIA

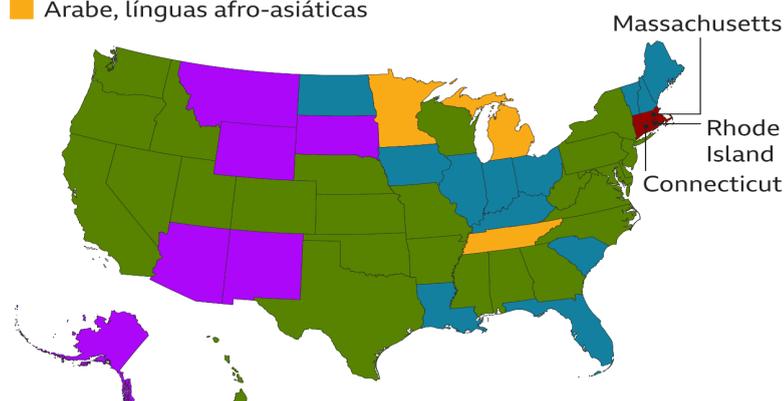
A partir do planejamento das aulas referentes ao contexto da América Anglo-Saxônica, surgiu como possibilidade a utilização da linguagem cartográfica em sala de aula do 8º ano do ensino fundamental II com o objetivo de, além de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem e construir uma aproximação estreita entre os estudantes e o domínio da linguagem cartográfica, permitir que os mesmos compreendessem o conteúdo de forma mais assertiva e eficiente.

Para isso, foram analisados diversos mapas levando em consideração a confiabilidade de suas informações e a qualidade dos elementos fundamentais da cartografia, como a escala e a semiologia gráfica, sendo traçado como prioridade a seleção de mapas que apresentassem aspectos considerados indispensáveis para a interpretação de componentes socioespaciais da América Anglo-Saxônica. As figuras 1 e 2 representam alguns dos mapas selecionados.

Figura 1: Mapa acerca dos idiomas predominantes nos Estados Unidos

Línguas mais faladas após inglês e espanhol nos EUA (por Estado)

- Português
- Francês, alemão, polonês, outras línguas de origem germânica, crioulo haitiano
- Chinês, vietnamita, outras línguas asiáticas
- Dakota, navajo, línguas esquimó-aleútes, outras línguas nativas
- Árabe, línguas afro-asiáticas



Fonte: Migration Policy Institute, 2019

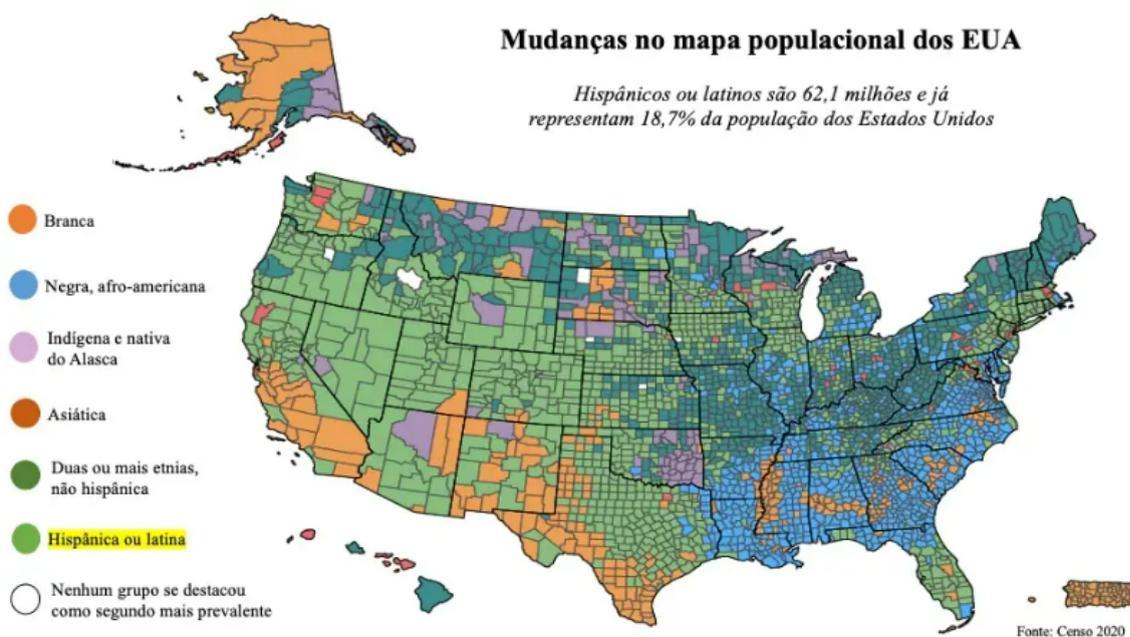


Fonte: Migration Policy Institute/2019, BBC/2021
https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59680947_amp

Figura 2: Mapa populacional dos Estados Unidos

Mudanças no mapa populacional dos EUA

Hispânicos ou latinos são 62,1 milhões e já representam 18,7% da população dos Estados Unidos



Fonte: Censo 2020

Fonte: Censo EUA/2020, VEJA/2021

<https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/latinos-ja-representam-18-da-populacao-dos-estados-unidos>

À medida que os mapas foram escolhidos e sistematizados, foi elaborada uma sequência didática. No presente trabalho, compreende-se que uma sequência didática é um “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p.18). Dessa forma, a sequência didática pode ser considerada um importante recurso didático pedagógico na Educação Básica (ZABALA, 1998).

A construção de uma sequência didática perpassar pelos seguintes procedimentos: apresentação da situação, definição e formulação da tarefa; produção inicial, estabelecendo o primeiro contato com o material proposto; módulos de atividades preparadas pelo professor com observação e análise; produção final, destinado à elaboração do produto final (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Para elaborar a sequência didáticas foram utilizadas linguagens como textos explicativos e ilustrações, sendo a sequência segmentada em três momentos: o primeiro deles a respeito da América Anglo-Saxônica de forma amplificada, em que mapas do continente americano seriam discutidos sob a perspectiva dos povos pré-colombianos da América do Norte, da colonização e da regionalização histórico-cultural; o segundo momento focalizado em mapas acerca do Canadá e suas características socioculturais, políticas, econômicas, populacionais, entre outras; e, o terceiro e último momento direcionado a mapas dos Estados Unidos e suas características gerais. Dessa forma, buscava-se uma compreensão gradativa dos alunos com relação ao conteúdo estudado e a decodificação dos mapas, passando primeiramente por leituras mais simplificadas para, em seguida, a interpretação de representações mais detalhadas, com maior complexidade.

Vale mencionar que o trabalho realizado com tal sequência tornou-se necessário devido aos resquícios da defasagem advinda da pandemia do Covid-19 e, conseqüentemente, a impossibilidade da realização de aulas presenciais que abordassem efetivamente o trabalho com linguagens cartográficas, preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), durante o 6º ano do ensino fundamental II através da unidade “Formas de representação e Pensamento Espacial”. Assim, acreditamos que a proposta apresentada sobre o estudo da América Anglo-Saxônica poderia ser o primeiro contato mais ativo dos estudantes com produções cartográficas.

Posteriormente, para concluir a sequência didática, foram desenvolvidas duas atividades cujo objetivo centralizado na América Anglo-Saxônica possibilitaria paralelamente o exercício da decodificação de mapas. A sequência das atividades seguiu a mesma da

apresentação em *slides* em sala de aula, portanto, a primeira atividade discutia as representações cartográficas acerca do Canadá e, a segunda, acerca dos Estados Unidos, de modo que os estudantes pudessem interpretar de maneira mais aprofundada, com questões discursivas e de múltipla escolha, aspectos importantes debatidos em sala de aula, como, por exemplo, a distribuição da população dos dois países.

REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização da linguagem cartográfica para o ensino da Geografia possibilita uma série de discussões para além da representação do espaço geográfico, como a compreensão crítica de sua organização, das relações humanas, dos fenômenos naturais e antrópicos, e outros movimentos ocorridos e que estão, a cada instante, amoldando o mundo em que vivemos. Com base em Almeida e Passini (2008, p.16): “O mapa, portanto, é de suma importância para que todos se interessem por deslocamentos mais racionais, pela compreensão da distribuição e organização dos espaços, possam se informar e se utilizar deste modelo e tenham uma visão de conjunto”. Nessa perspectiva torna-se imprescindível pensar na Geografia e, fundamentalmente no ensino desta ciência, sem que a Cartografia se encontre presente como instrumento de comunicação e reflexão da sociedade e do mundo em sua totalidade.

Assim, estabelecem Souza e Katuta (2001) acerca dos desdobramentos da ciência cartográfica sob os recortes da realidade para além de sua representação concreta:

Os conhecimentos cartográficos têm uma estreita relação com a crítica do pensamento geográfico. É preciso, portanto, encarar a cartografia além de seus aspectos visuais e artísticos, propondo alternativas para sua utilização e objetivando a compreensão da realidade que o indivíduo vive e que pode ser transformada. (SOUZA; KATUTA, 2001, p.12)

Dessa maneira, a Cartografia inclinada ao ensino, proporciona discussões que excedem a sala de aula e, por consequência, viabilizam maior vínculo entre os estudantes e a Geografia em si, sendo os seus conteúdos possíveis de serem trabalhados de forma mais amplificada e eficiente. Como destacado por Girardi (2011, p. 10-11):

As possibilidades da visualização cartográfica conferem ao mapa um outro papel no interior da Geografia. Antes, o mapa estava ligado quase exclusivamente ao armazenamento e comunicação das informações espaciais, hoje, porém, com a visualização cartográfica, ele se tornou um instrumento de pesquisa que não se limita à álgebra de mapas e possibilita novas descobertas, revela padrões, formas, relações e dissimetrias no espaço. Neste contexto, a visualização cartográfica reafirma a necessidade e a potencialidade do mapa na Geografia.

Em suma, a cartografia é uma importante linguagem para a mediação do ensino de Geografia. É importante destacar que essa linguagem deve ser apropriada pelo docente na elaboração de sequências didáticas visando a promoção do conhecimento geográfico. A construção de sequências didáticas pelo docente é de suma importância pois auxilia no planejamento das atividades ministradas, possibilitando uma segmentação mais coerente e progressiva das temáticas, uma racionalização do tempo disponível de cada aula e um aprimoramento das metodologias, em que efetivamente são estabelecidas as demandas consideradas necessárias para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Zabala (1998, p.18) destaca:

As sequências de atividades de ensino/aprendizagem, ou sequências didáticas, são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática. Assim, pois, poderemos analisar as diferentes formas de intervenção segundo as atividades que se realizam e, principalmente, pelo sentido que adquirem quanto a uma sequência orientada para a realização de determinados objetivos educativos. As sequências podem indicar a função que tem cada uma das atividades na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, portanto, avaliar a pertinência ou não de cada uma delas, a falta de outras ou a ênfase que devemos lhes atribuir.

A vista disso, a sequência didática pode ser compreendida como uma mediação efetiva entre os conteúdos a serem trabalhados, o professor e os estudantes, o que permite uma conexão estruturada e, conseqüentemente, mais eficiente. De acordo com Callai (2011, p.135):

A sequência didática tem como expectativa a realização de uma aprendizagem significativa e que permita que o aluno construa um pensamento autônomo sendo ele próprio autor de sua aprendizagem, sendo capaz de articular diferentes conteúdos na busca de entendimento da realidade em que vive.

Isto posto, são diversas as razões que reforçam o uso da sequência didática, sobretudo quando se trata de sua aplicação para a ampliação do horizonte de conhecimento dos alunos. Isso a torna ainda mais relevante no ensino de geografia, onde ela estabelece uma correlação entre teoria e prática, a fim de impulsionar o aluno em direção ao conteúdo de forma mais dinâmica e, no contexto deste trabalho, promovendo ainda a apropriação da linguagem cartográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os mapas selecionados para serem trabalhados despertaram determinada curiosidade aos estudantes que, interessados pelo conteúdo, espontaneamente participaram mais

ativamente das aulas, que, por sua vez, foram gradativamente tornando-se mais dinâmicas. Assim, a decodificação cartográfica foi sendo exercitada e aprimorada ao passo que, simultaneamente, a América Anglo-Saxônica era (re)conhecida pelos alunos.

As atividades elaboradas continham perguntas de múltipla escolha, relacionadas a conceitos avaliados como de rápida associação, e, logo, uma resolução mais objetiva, e questões discursivas, nas quais se esperava respostas mais completas, que incluíssem interpretação e desenvolvimento mais aprofundado. A aplicação de cada uma das atividades ocorreu durante o período de uma aula, o equivalente a aproximadamente 50 minutos, e em dias alternados, conforme a programação progressiva da temática, proposta por meio da sequência didática. Além disso, deve-se mencionar que a primeira tarefa foi realizada em dupla, enquanto a segunda aplicada individualmente, sendo avaliada as duas maneiras de desempenho.

No conjunto das tarefas acerca do Canadá, destaca-se uma questão que retrata, a partir de um mapa disponibilizado, a distribuição da população ao longo do país, concentrada majoritariamente na região sul. Em seu enunciado, o comando da questão direcionava a identificação de tal concentração e, em seguida, possíveis explicações para essa organização. Os alunos identificaram e compreenderam a distribuição da população, como ilustram as respostas dadas pelos alunos A e B: “Ao sul do país, pois faz fronteira com os EUA e é também onde se localiza a capital. Além disso, ao norte do Canadá é extremamente frio e por isso pouco habitado”. (ALUNO A, 2023).

A concentração da população no Canadá ocorre ao sul porque está próximo dos Estados Unidos, o que facilita as trocas comerciais entre eles, já que o Canadá exporta grande parte de suas mercadorias. Outro fator é que ao sul as cidades são mais desenvolvidas, com mais empregos, escolas e muito turismo (ALUNO B, 2023).

Poucos alunos relacionaram a aglomeração ao sul apenas aos fatores comerciais, como o Aluno C (2023), que respondeu: “A população se concentra ao sul porque tem mais empregos, mais oportunidades econômicas, escolas e também a capital do Canadá”.

Em relação aos Estados Unidos, foram elaboradas duas questões, a primeira, referente aos fatores que justificam a distribuição e concentração da população no país. Já a segunda questão era referente à identificação de megalópoles em um mapa e à compreensão do conceito megalópole.

Na primeira questão desatacaram-se as respostas dos alunos D e E: “O primeiro fator mais relevante que explica essa concentração é o fato de que eram onde ficavam as treze colônias iniciais, outro seria o fato de estar mais perto do litoral” (ALUNO D, 2023). “Os

fatores para tal concentração são: é a mesma região habitada em um primeiro momento, as treze colônias, é também a região mais industrializada e onde há saída para as rotas de exportação.” (ALUNO E, 2023). Na segunda questão, a maioria dos alunos responderam que megalópole é a junção de duas ou mais metrópoles, não se aprofundando na explicação.

No decorrer da aplicação metodológica, foi percebido que poucos alunos não se apropriaram efetivamente da linguagem cartográfica fornecida como o esperado, entretanto, recorreram de seus conhecimentos prévios para a conclusão dos exercícios, apresentando ao final um resultado favorável, porém não igualmente satisfatório aos demais estudantes. Dessa forma, consideramos a etapa de análise dos mapas um processo imprescindível para a inserção da cartografia em sala de aula, visto que as representações utilizadas deveriam condizer com nosso objetivo central, que seria construir uma compreensão de maneira clara, eficiente e assertiva dos alunos com à temática da América Anglo-Saxônica.

Outro fator analisado e importante de ser considerado é o cenário pós-pandêmico, momento de retorno das atividades e de grande descompasso do ensino, que têm, sem dúvidas, influência direta no processo da decodificação de mapas, identificação de semiologias e outras especificidades da ciência cartográfica que se mantiveram afetadas. Dessa maneira, as dificuldades encontradas podem ser associadas à interferência desse momento, sendo, ao longo do tempo, possíveis de serem solucionadas através da prática em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a Cartografia deve ser inserida como linguagem mediadora no processo de ensino e aprendizagem da América Anglo-Saxônica. As representações cartográficas manuseadas em sala de aula revelaram-se como um importante recurso pedagógico, possível de ser explorado não apenas para salientar o conteúdo pré-planejado, nesse caso acerca da América Anglo-Saxônica, mas para diversos aspectos do ensino em sua totalidade, como para uma maior dinamização das aulas, maior participação ativa dos alunos, além de um maior aprofundamento de questões socioculturais e políticas de determinadas regiões que, na ausência dessa ferramenta, mais dificilmente poderiam ser detalhadas. Sendo assim, a utilização da linguagem cartográfica possibilitou a exploração de diversas nuances, conexões e padrões da América Anglo-Saxônica que, em abordagens mais tradicionais, poderiam ser imperceptíveis ou mesmo corriqueiras e desinteressantes aos estudantes. Os resultados favoráveis, evidenciados especialmente pelo interesse e desempenho dos alunos

nas atividades desenvolvidas, ressaltam a significância da linguagem cartográfica interconectada à Geografia, e, portanto, seu uso como um instrumento crucial para o ensino da América Anglo-Saxônica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Y.. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2022. Disponível em: <<https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/anezumene/article/view/7097/5764>> Acesso em: 21 de outubro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 13 de julho de 2023.

CALLAI, Helena Copetti. **A geografia escolar – e os conteúdos da geografia**. Revista virtual de geografia, cultura y educación, 2011.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **A Construção de uma Cartografia Geográfica Crítica**. Revista Geográfica de América Central: Costa Rica, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2019/1918>> Acesso em: 13 de julho de 2023.

SOUZA, José Gilberto; KATUTA, Angela Massumi. **Geografia e conhecimentos cartográficos: a cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre, 1998.